

OLIVEIRA, Frederico Ramos. **Demonstração - Transgnose no corpo de um quadrúpede**. Araxá, ator, performer, livre pesquisador

#### RESUMO

O contato com informações etnológicas, conteúdos biomecânicos e paleoantropológicos determinou o trajeto da vivência artística [diariodeumquadrupede.blogspot.com](http://diariodeumquadrupede.blogspot.com). Ao tratá-los como noções moles em vez de conceitos duros, a pesquisa pôde ser afetada amplamente por conhecimentos científicos, sem necessariamente aprofundar uma discussão interdisciplinar. Sendo fundamentalmente corporal, essa ação performática é apresentada aqui em sua perspectiva gnoseológica. Ao ler e escrever o projeto com referências no “objeto infinitivo da Etnocenologia”, encontramos uma forma fértil para cogitar a natureza gnóstica do corpo e a composição corporal do conhecimento.

Bipedalização, gnoseologia, corpo alterado

#### ABSTRACT

Contact with ethnological information, biomechanical content and paleoantropológicos determined the path of [diariodeumquadrupede.blogspot.com](http://diariodeumquadrupede.blogspot.com) artistic experience . To treat them as soft notions rather hard concepts , research could be affected largely by scientific knowledge without necessarily deepen an interdisciplinary discussion. Being fundamentally body , this performative action is presented here in its gnoseological perspective. To read and write the project with references in the " infinitive object of Etnocenologia " we find a fertile way to entertain the Gnostic nature of the body and body composition of knowledge.

Bipedalização, gnoseology, changed body

Durante treinos atonais (2003, 2007 e 2009), a experimentação de modos alternativos de locomoção e equilíbrio resultou numa matriz cujo potencial cênico foi experimentado em 2011 na praça Tiradentes (RJ). Entre 2012-14, ela foi recuperada, avaliada, testada e fixada num pequeno repertório compondo a ação performática sendo repetida em diversas cidades. Entre o final de 2011 e início de 2014, foram realizadas 14 apresentações<sup>1</sup> da ação “Visita de um quadrúpede”.

O performer está no ambiente usando modos quadrúpedes de deslocamento. Faz isso usando sons, saltos, descansos, sondagens, aproximações, ameaças, rosnados, afagos e outras ações animaismente. Está seminu e arrasta uma corrente presa no pescoço. O quadrúpede não tem fome, nem medo. É curioso, quer interagir e reage aos estímulos imediata e instintivamente. Duração: 15 a 180 minutos.

---

<sup>1</sup> Presenças em: Praça Tiradentes, [São Luís do Maranhão](#), [Catete](#), [Ipanema](#), [Copacabana](#), [Bosque da Freguesia](#), [Barra da Tijuca](#), [Parque do Cristo](#), [Brasília \(Museu Nacional\)](#), [Brasília \(Rodoviária\)](#), [São João de Rei](#), [Pratigi BA](#)

## Trajetos de um quadrúpede

Na escola, a única oferta de educação física era o esporte coletivo. Por não funcionar comigo, cheguei aos 23 anos sem conhecer meu corpo. Entre 2003 e 2010, participei de três laboratórios de treinamento atoral dentro do Estúdio Fisções coordenado pelo professor doutor Luiz Otávio Gonçalves da EBA-UFMG. Para explorar, ampliar e usar as habilidades corporais dos atores na criação teatral, treinamos séries de desafios físicos seguidos de composição e desenvolvimento de matrizes. Entre os princípios estudados, o equilíbrio precário destacou-se orientando vários desafios corporais. Havia queda e o deslocamento não bipedal. Ora rolando, ora agachando, meu corpo reconheceu a possibilidade de movimentação usando os quatro membros. Ainda que não houvesse uma orientação no roteiro, observei que sempre revisitava esses deslocamentos e vocalizações extra-cotidianos e não verbais. Nos treinos e estudos, essas ações e suas qualidades foram ficando cada vez mais conscientes, consistentes e integradas. Não houve, nessa altura, qualquer estudo biomecânico ou de natureza transdisciplinar. Nem mesmo uma codificação mínima ou registro foi produzido. Apenas uma habilidade foi desenvolvida: andar cada vez mais sustentável, longa e confortavelmente com os quatro membros. Paralelamente, o acúmulo de contingências pessoais afinadas com esse estado animalesco motivou o aprofundamento dessa investigação, mas não precipitou, entretanto, um trabalho que experimentasse, levantasse, avaliasse, testasse e fixasse um pequeno repertório desdobrável numa performance cênica. O caminho que aparecia não era só técnico ou cênico. Apontava para uma reconstrução global do performer. O conhecimento produzido nessa fase ficou preso no seu corpo. Uma espécie de nuvem formou-se, misturando conhecimentos, motivações e conteúdos com diferentes naturezas.

Alguns experimentos<sup>2</sup> mostraram-me que a arte urbana poderia ser um terreno fértil para uma eventual precipitação de conhecimentos na forma de cenas e ações performáticas. Em 2011, o coletivo “Teatro de Maquinaria” pesquisava intervenções<sup>3</sup> através do projeto “Cidade em Fotodrama”. Nesse contexto, senti-me protegido e encorajado a experimentar pela primeira vez a ação “Visita de um quadrúpede”, na qual andei por 70 metros. Destreinado, enfrentei dores musculares e articulares por vários dias. Participamos da VII Semana do Teatro de São Luís do Maranhão<sup>4</sup> Ainda apoiado pelo Teatro de Maquinaria, pela primeira e única vez, um quadrúpede falou durante o evento “Checkin” no Arts Hostel (Catete-RJ). Após esse experimento, abandonei a fala e a faca, conservando apenas a corrente de quatro metros presa no pescoço. Enquanto isso, o cabelo, a barba e a musculatura cresceram. Retomei matrizes vocais com sonoridades guturais do meu corpo.<sup>5</sup> O resultado foi a consolidação de uma variação da minha voz quando vivendo essa minha versão animalesca. De fato, diante da necessidade premente de enfrentar violentamente uma pessoa humana ou animal, poderia adotar essas posturas e ações. A meditação praticada há mais de duas décadas capturou de forma natural minha atenção e modo de pensar durante as apresentações. Ao adotar minha forma mais animal calava a mente objetiva. Durante os eventos, buscava um pensamento não verbal. O discurso abstrato dava lugar aos fluxos de ações e reações.

---

2 [2009 - Belo Horizonte : youtube.com/watch?v=BkbTiYC4Ibc](http://www.youtube.com/watch?v=BkbTiYC4Ibc) ; [youtube.com/watch?v=WaeUEetQZhE](http://www.youtube.com/watch?v=WaeUEetQZhE) ;

3 Maria Beatriz de Medeiros discute o nome “intervenção urbana” para caracterizar esse tipo de ação, contrapondo o termo “composição urbana”. No primeiro, ocorreria um ‘rasgo’ no espaço-tempo público, enquanto no segundo entendimento: ‘A composição urbana não interfere nem intervém, compõe e decompõe com o corpo próprio, com o corpo do outro, com o espaço “público”, com a internet.’ COMPOSIÇÃO URBANA: SURPREENSAO E FULERAGEM disponível em dezembro de 2011 em: <http://www.sesc.com.br/palcogiratorio/urbana.html>

4 <http://www.youtube.com/watch?v=rSpTSR-JR6g> [youtube.com/watch?v=rSpTSR-JR6g](http://www.youtube.com/watch?v=rSpTSR-JR6g)

5 Ouça: [youtube.com/watch?v=IRuIUbZjxnE](http://www.youtube.com/watch?v=IRuIUbZjxnE)

## Salada de saberes

Após os primeiros experimentos, decidi investigar teoricamente a biomecânica em um corpo humano quadrúpede. Foi quando encontrei a condição da família Ulas na Turquia com a síndrome de Uner Tan. Uma mutação congênita afeta a formação cerebral responsável pelo equilíbrio e impede o aprendizado da locomoção bipedal.<sup>6</sup> Sem chance do conhecer a bipedalidade, a solução corporal desenvolvida é uma caminhada quadrúpede. Neles, logo percebi que a posição do quadril era diversa da única que adotei nas primeiras apresentações. Ao experimentar o deslocamento com as pernas esticadas como eles faziam, notei imediatamente um conforto muito maior. Assim, mais um tipo de movimento foi agregado ao repertório da ação. Em momentos nos quais haveria uma longa caminhada adotava essa forma. Essa observação etnológica incrementou direta e definitivamente a matriz. Vieram também acréscimos com um 'salto de macaco' a partir do conhecimento desse movimento no le parkour, no qual um salto para frente é amortecido com as mãos também usadas para arremessar o corpo adiante.

Estudos teóricos indisciplinados sobre evolução do gênero Homo contaminaram definitivamente a ação performática. Ciente da incompletude de dados, mas notando que já havia realizado um grande levantamento acerca da história evolutiva da bipedalização, comecei a construção de uma linha de ancestrais para mostrar como nadadeiras deram origem aos tetradépsidos e como desses emergiram os quadrúpedes. A organização desse material resultou em 3 vídeos e gráficos no blog “Diário de Um Quadrúpede”. Essas produções foram comentadas por cientistas da área, que apoiaram a iniciativa, mas apontaram diversas falhas metodológicas. Essa exposição contextualizada do método científico já teria valor transdisciplinar, mas fornecer uma colaboração interdisciplinar exigiria uma rigorosa verticalização. Tal processo pareceu inviável e desnecessário do ponto de vista TRANS, aquele que vê além e através. A pesquisa artística poderia discutir conhecimento científico ao mesmo tempo que ela mesma é afetada de modo construtivo nesses encontros gnoseológicos. Que fazer diante de provável embaraço acadêmico se a visita científica continuava contribuindo para o enriquecimento do projeto? Mesmo incompleta, a decodificação de experimentos científicos proporcionou uma nova dissecação biomecânica dos movimentos. A pesquisa da condição da família Ulas, que não apreendeu a andar de pé, comparou meus diferentes tipos de caminhada quadrúpede e me ensinou a andar de quatro melhor. Se a bipedalização é um processo de aprendizagem, o caminho inverso também haveria de ser. Em outra experiência originada no Grupo Fisções, para a “Maratona de Nova Iorque”, já havido sido necessário outro aprendizado: o da corrida. Nele, o treinante recebe instruções objetivas, que são inicialmente tratadas com processamentos corticais (mais abstratos), sendo gradativamente apropriados por regiões subcorticais (mais primitivas).<sup>7</sup> Nessas experiências, a transformação do corpo e sua atuação artística foram determinadas por diretas, embora moles, noções científicas.

---

<sup>6</sup> [The Family that Walks on All Fours](#) – BBC - 2006

<sup>7</sup> FONSECA, Vitor da. Desenvolvimento psicomotor e aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2008. pag. 508

## TransgnoseS

Já Stanislavski precisou justificar eventuais indisciplinaridades:

“É certo que utilizamos também termos científicos, como por exemplo, “subconsciente”, “intuição”, mas não no seu sentido filosófico, senão no mais simples, o da vida cotidiana. Não é culpa nossa que não contemos com as palavras necessárias para a atividade prática. Tivemos que partir de nossos próprios meios, um pouco caseiros” (STANISLAVSKI, 1986, pg.42)<sup>8</sup>

E recentemente, e Larrosa alegou que existe conhecimento mesmo nesse estado de incomunicabilidade e inconsistência epistemológica:

“Essa experiência para Larrosa parece estar no âmbito do indizível e, neste sentido, não aceita coletividade ou historicidade, ao contrário, diz respeito à solidão e a contemplação, que são necessariamente individuais.”<sup>9</sup>

Os 'conhecimentos indisciplinados'<sup>10</sup> são tratados dentro da transdisciplinaridade.<sup>11</sup> A Etnocologia pensada como 'indisciplina por entre as ciências sociais e as artes do espetáculo'<sup>12</sup> pode contar com esse enorme arcabouço. Afinal, as 'noções moles' diferentes dos 'conceitos duros' parecem bem defendidos nesta argumentação da pesquisa transdisciplinar:

“por ser mais plástica e mais aberta a experimentações, inclusive a experimentos que fracassam e não levam a lugar algum, a pesquisa em princípio seria mais favorável e poderia abrir novos caminhos para o conhecimento (...) a pesquisa é algo indeterminada e mais plástica, favorecendo experimentações e transgressões”<sup>13</sup>

---

8 STANISLAVSKI, Constantin. El trabajo sobre si mismo en el proceso creador de las vivencias. Buenos Aires: Domingo Cortizo – Editorial Quetzal S.A., 1986.

9 Jorge Larrosa e o coelho branco - Por Graziela Andrade, matéria disponível em novembro de 2014 em: <http://congressoabrace8.blogspot.com.br/2014/11/jorge-larrosa-e-o-coelho-branco.html>

10 Silvia A. Davini relaciona "Arte e Indisciplina" afirmando que o rigor metodológico que a pesquisa no campo da arte demanda não é rigor científico, mas o “rigor da indisciplina”. Pensando a arte como “indisciplina” pode-se compreendê-la em toda sua dimensão, para além dos limites que as categorias disciplinares de conhecimento impõem à arte. Resumo disponível em outubro de 2014 em: <http://portalabrace.org/vcongresso/territorios/Silvia A. Davinia.pdf>

11 Essa discussão foi tema de aula magna no IEAT (Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares da UFMG), na CÁTEDRA IEAT/FUNDEP: HUMANIDADES, LETRAS E ARTES. Eduardo Viveiros de Castro palestrou sobre Antropologia e imaginação da indisciplinaridade. disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ry1ykrRVqYk>

12 Como citou Gilberto Icle no resumo disponível em: <http://www.portalabrace.org/vcongresso/textos/etnocologia/Gilberto Icle - Da presenca da pratica do corpo contribuicoes etnocologicas para a pesquisa em educacao.pdf>

13 DOMINGUES, Ivan. Multi, Inter e Transdisciplinaridade – onde estamos e para onde vamos?. Pesquisa

Um quadrúpede e eu temos a necessidade de continuar com meios precários de exploração do conhecimento científico e aceitamos que grande parte do conteúdo produzido seja incomunicável e não objetivo. Atravessamos a gnosiologia pra pensar etnologicamente<sup>14</sup>. Ainda que contasse com o extenso e avançado pensamento transdisciplinar, para aprender a andar de 4, precisei também de vivências agnósticas e pré-gnósticas. Para nós e para outras gnoses, parece urgente abrir e integrar ainda mais a cabeça e o corpo. Há estudos em robótica apoiados numa “Teoria da inteligência corporificada” segundo a qual, somos inteligentes porque temos um corpo. A psicanálise, outra controvérsia epistemológica, aposta:

“As formas primitivas do conhecimento advêm de um corpo inconsciente de sua função cognitiva e de sua potencialidade (...) O conhecimento é um ato de criar objetos ideográficos, signos, imagens evacuadas das víceras. (...) Mais do que corpos teóricos, temos secreções de conhecimentos (...) O conhecimento é uma captura, um apossamento, e sendo assim, é também destruição, asfixia, identidade cristalizada e morta.”<sup>15</sup>

---

em Educação Ambiental, [S.l.], v. 7, n. 2, p. 11-26, jan. 2013. ISSN 2177-580X. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/pea/article/view/55959>>. Acesso em: 24 Set. 2015.

14 Numa 'Antropologia do corpo' 'a premissa maior é que o corpo é uma construção simbólica e não uma realidade em si. Nesse sentido, o corpo que parece ser evidente é mais inapreensível do que se pensa, uma vez que é efeito de uma construção social e cultural.” GOMES, Romeu. Antropologia do corpo e modernidade. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 27, n. 11, p. 2277-2278, Nov. 2011. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2011001100022&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2011001100022&lng=en&nrm=iso)>. access on 28 Sept. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2011001100022>

15FREIRE, Roberto de Barros. Corpo e conhecimento: uma visão psicanalítica. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 7, n. 1, p. 151-153, June 2002. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722002000100018&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722002000100018&lng=en&nrm=iso)>. access on 28 Sept. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722002000100018>.